



Dinamarca: Montanhas mágicas. COBE & Chingqing University, Chongqing, China.
Abaixo: Alemanha, Hotel Pushkin.



BIENAL DE ARQUITETURA: AS “CIDADES” DA METRÓPOLE

Em sua sétima edição, a Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo volta ao tema das grandes cidades, abordando a interação de espaços públicos e privados



Por José Henrique Lopes

“A cidade não existe para o shopping, que foi construído para substituí-la.”

A conclusão é de alguém que não vive em São Paulo e não esbarra nos mais de 40 milhões de pessoas que transitam todo mês pelas ruas internas, devidamente climatizadas, dos 41 shoppings da cidade. Beatriz Sarlo, argentina, talvez nunca tenha frequentado um shopping paulistano, mas sabe que sua platéia cresce na medida em que os chamados espaços públicos tradicionais, como as praças, pelos mais variados motivos, perdem o prestígio experimentado em outros tempos.

Em seu livro *Cenas da vida pós-moderna*, a pensadora afirma que “o shopping, esse abrigo antinuclear, é perfeitamente adequado ao tom de

nossa época”, com sua infra-estrutura pré-formulada que busca dar conta das principais necessidades humanas em um só espaço: comer, beber, descansar, consumir e se relacionar. Seria “um simulacro de cidade de serviços em miniatura, onde todos os extremos do urbano foram liquidados”, como as intempéries do clima e a sujeira das ruas.

Ante a substituição de antigos centros de concentração de pessoas por invenções da pós-modernidade, como preconiza Sarlo, os espaços públicos estão em crise? As praças, as ruas, os parques e os clubes, tradicionais ambientes de convivência e diálogo, estão aos poucos sendo engolidos e incorporados por empreendimentos de caráter privado. Os condomínios fechados, cada vez mais completos, são construídos em

bairros afastados do centro. São criados para oferecer opções de lazer e entretenimento que qualquer praça ou clube poderia proporcionar, mas não com as mesmas condições de segurança e privacidade. Cidades intramuros.

“A confusão entre espaços públicos e privados é uma questão importante. São criados núcleos fechados em si em uma mesma metrópole, com infra-estrutura própria de uma cidade dentro da metrópole. No interior desse núcleo privado também há, paradoxalmente, espaços públicos, como ruas e praças”, aponta Pedro Cury, um dos arquitetos responsáveis pela elaboração conceitual e organização da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

Entre 11 de novembro e 16 de dezembro deste ano, o evento discutirá

Há duas edições a Bienal de Arquitetura se dedica a essa discussão, iniciada em 2003, sob o tema “Metrópole”, e estendida em 2005, mais focada, com as diferentes maneiras de “Viver na Cidade”. A continuidade, segundo Cury, tem um objetivo. “É preciso explicar, do ponto de vista do arquiteto, o que acontece com as cidades. O desenvolvimento tecnológico desencadeia mudanças nos relacionamentos entre as pessoas: será que a cidade acompanha essas modificações?”, indaga.

Dois bienais: a cidade cresce

O ano era 1951 e o empresário Ciccillo Matarazzo, grande entusiasta das artes, idealizava com sua esposa, Yolanda Penteadó, a realização de uma mostra à altura da grande cidade que São Paulo começava

anos mais tarde, em 1973, com a realização da primeira Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

O arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves, próximo a Ciccillo, que administrava a Fundação Bienal de São Paulo, criada por ele mesmo em 1962, foi o responsável pela coordenação da primeira edição da Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Ao se lembrar do trabalho realizado por Gonçalves, José Magalhães Jr., membro do Conselho Curatorial deste ano, ressalta que foi “um grande esforço”, sobretudo para captar recursos.

A carência de público, mencionada por Pedro Cury, talvez tenha sido o principal motivo pelo qual a exposição só fosse montada novamente em 1993. Se não havia arquitetos em grande número, não haveria in-

“O shopping, esse abrigo antinuclear, é perfeitamente adequado ao tom de nossa época”, afirma a pensadora argentina Beatriz Sarlo

justamente o convívio e a interação de espaços públicos e privados em grandes ambientes urbanos. O Pavilhão Ciccillo Matarazzo, no Parque do Ibirapuera, receberá trabalhos de arquitetos do mundo todo que discutam o flerte entre “a arquitetura, o público e o privado”, slogan da Bienal. A organização é do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e da Fundação Bienal de São Paulo.

O objetivo, de acordo com o Conselho Curatorial do evento (formado pela primeira vez nesta edição para substituir a curadoria anterior, dividida entre duas pessoas), é provocar o debate, e não defini-lo. Trata-se de atrair a sociedade para dentro da Bienal e instigá-la a refletir sobre a sua relação com a cidade em que vive e com os outros cidadãos que habitam esse mesmo lugar.

a ser. Assim nasceram as Bienais de Artes e Arquitetura, com a Mostra de Arquitetura sendo um apêndice da Bienal de Artes, que em 2006 chegou à 27ª edição.

Em meio a essa efervescência ocasionada por intensas mudanças no contexto da cidade, a primeira Bienal de Artes de São Paulo foi aberta ao público em 20 de outubro de 1951 na esplanada do Trianon, local hoje ocupado pelo Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Lá já havia uma ala de exposição dedicada a trabalhos arquitetônicos.

Quando São Paulo iniciava as comemorações de seu IV Centenário, completados em 1954, as exposições foram levadas pela primeira vez ao Parque do Ibirapuera. Consolidava-se ali uma nova mostra de arquitetura, que ganharia vida própria somente 20

teressados suficientes em uma exposição que acabava de nascer. Com pouco público, os patrocinadores não investiriam seu dinheiro em um “empreendimento arriscado”, como define Cury.

“Enquanto a Bienal de Artes atrai, ainda hoje, um público mais variado, de crianças a idosos, a de Arquitetura fica mais centrada em profissionais e estudantes universitários, mesmo que não sejam de arquitetura ou urbanismo. São pessoas mais jovens”, diz Jacopo Crivelli, curador da Fundação Bienal de São Paulo e responsável pela organização de ambas as exposições. A última edição da Bienal de Arquitetura, em 2005, recebeu por volta de 180 mil visitantes, que entre os dias 22 de outubro e 11 de dezembro andaram pelos 28 mil m² de exposição

onde foram montados os cerca de mil projetos apresentados.

nomes e números da Bienal de 2007

“É gratificante notar o papel fundamental desempenhado por uma Bienal de propor debates e alternativas. Serve para mostrar que as coisas do dia-a-dia podem ganhar novos significados sob o ponto de vista da arquitetura”, explica Gilberto Belleza, presidente nacional da IAB.

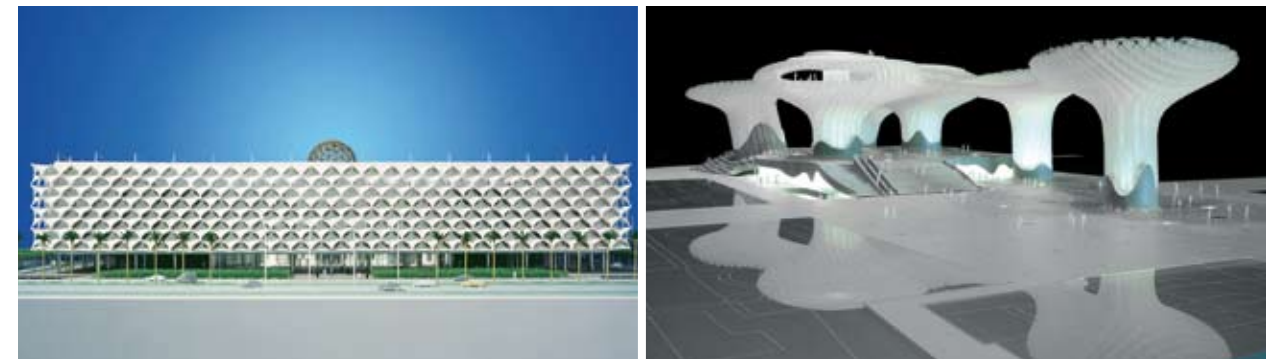
Mantendo a divisão de anos anteriores, a 7ª Bienal se desenrolará em eixos ou alas, cada um ocupando seu próprio espaço dentro do Pavilhão: o concurso internacional de escolas, a exposição geral de arquitetos, as sa-

Para Jacopo Crivelli, “as exposições das delegações são importantes porque dão espaço a profissionais mais jovens e menos conhecidos. É um pedido dos organizadores. Não fosse assim, viriam apenas nomes consagrados, com trabalho já conhecido em revistas, sites e publicações relacionadas à área”.

Na exposição geral de arquitetos, 150 profissionais do Brasil e do exterior mostrarão seu trabalho. Qualquer profissional pode se inscrever em uma das três categorias propostas: “obras construídas”, “projetos não-executados” e “projetos propositivos e conceituais”. No concurso de escolas os propósitos são outros. Os

tas adequadas da esfera pública. “O arquiteto não resolve todos os problemas, mas pode participar da solução. Sabemos também que, se um local é mal construído ou planejado, não funciona. Portanto, a proposta é pedir aos arquitetos generosidade, para conseguirmos mudar alguma coisa”, afirmou o arquiteto italiano Massimiliano Fuksas, à época da 7ª edição da Mostra de Arquitetura da Bienal de Veneza, em 2000, resumindo como o profissional deve encarar os conflitos inerentes às cidades em que vive.

No Brasil a Bienal quer demonstrar aos visitantes que a arquitetura faz, sim, parte de sua vida cotidiana.



Alemanha: Gerber Arquitetura, Biblioteca Nacional Rei Fahad, Arabia Saudita.

Alemanha: J. Mayer, Metropol Parasol, Sevilha, Espanha.

las especiais e os espaços destinados a convidados, as representações dos países, as salas históricas, os stands institucionais e o fórum de debates. Em relação a arquitetos convidados, o chileno Alejandro Aravena, que se destaca pelo projeto do Edifício Tecnológico da Universidade Católica do Chile, composto por duas “torres siamesas” cobertas por vidro, e o vanguardista americano Steven Holl estão confirmados. O espaço destinado às delegações será ocupado por 14 países: Alemanha, África do Sul, Argentina, Áustria, Dinamarca, França, Holanda, Israel, Itália, México, Noruega, Portugal, República Dominicana e Suíça.

32 trabalhos selecionados, de um total de 200, participam de uma competição em que a criatividade ganha passe livre. Nesse caso o estudante de arquitetura desfruta da liberdade de projetar para fins acadêmicos, sem levar em conta entraves burocráticos existentes na realização de um projeto na vida real. Projetos complexos e inovadores podem resultar disso.

a arquitetura no cotidiano

Uma cidade só oferece boa qualidade de vida a seus habitantes quanto a habitação, infra-estrutura, trânsito e poluição, na medida em que as pessoas adquirem consciência de suas necessidades e cobram respos-

“É evidente que uma cidade bonita e bem projetada faz bem para seus habitantes. As pessoas ficam felizes e satisfeitas por estarem em uma bela e organizada cidade”, afirma Cury.

As relações que compõem um ambiente urbano, seja a interação entre espaços públicos e privados ou entre pessoas, são assuntos que não podem ser restringidos ao campo da arquitetura e do urbanismo. O crescimento de uma cidade envolve outros fatores, como evolução populacional, ondas de êxodo, desenvolvimento industrial e tecnológico, segregação social... Trata-se, enfim, de um complexo desafio proposto ao arquiteto. 